

DIVERGENTE E OS REFLEXOS DOS MEDOS CONTEMPORÂNEOS

ÂNDERSON MARTINS PEREIRA¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹UFPel – andersonmartinsp@gmail.com

²UFPel – eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade se marca por um retorno à noção de medo. Bauman (2006) comprehende que o medo combatido na modernidade, por assertivas científicas, encontra potencial e/ou aceitação na pós-modernidade. Para o sociólogo, a contemporaneidade é marcada por mudanças sociais cada vez mais rápidas e rotineiras que nos colocam em contato mais frequente com o desconhecido, pois a certeza da pós-modernidade se dá pela incerteza da solidez das relações, das instituições, do futuro e do sujeito. Nesse momento de indefinições, o medo assalta a vivência do indivíduo a cada segundo.

Sob esta perspectiva, os romances *Divergente* (2012), *Insurgente* (2013) e *Convergente* (2014), escritos por Veronica Roth, destacam o medo do diferente e do ignoto. Os romances podem ser lidos como ficção científica e como distopia. Nele, as pessoas são separadas de acordo com a personalidade e encaminhadas para uma facção. As facções são divididas em Abnegação, Audácia, Amizade, Franqueza e Erudição e servem para que cultural e geneticamente desenvolvam seus associados e assumam um papel na sociedade. Histórias distópicas apontam para sociedades onde o sujeito vai de encontro ao caos. Em geral, prefiguram nestas narrativas governos totalitários que destituem os indivíduos de direitos básicos ou de características que compõe a humanidade destes cidadãos. Ferris (2012), em estudo nominado *A Study in Dystopian Fiction*, considera o gênero distopia extremamente arraigado a sociedade que o concebe, transpondo para a história os temores dessa coletividade de forma aguda em narrativas que em geral se projetam para o futuro da humanidade.

2. METODOLOGIA

Este trabalho busca rever aspectos da trilogia *Divergente* sob a perspectiva dos medos contemporâneos, tomando como pressupostos a ideia de Ferris (2012) de que a sociedade é fundamental na formação da realidade distópica e de Ferns (1999) que considera utopia e distopia como formas de crítica ao que é contemporâneo à obra distópica. Para tal, a partir das leituras dos livros: *A Study in Dystopian Fiction*, *Narrating Utopia -Ideology, Gender, Form in Utopian Literature*, *Modernidade Líquida*, *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos e Medo Líquido*, pretende-se discutir qual o reflexo dos medos pós-modernos na obra divergente e como eles são trabalhados no romance.

Ao criar conexões entre o livro e os medos da pós-modernidade, pretende-se trabalhar com a potencial exclusão dos indivíduos nos romances. Este pode ser visto tanto no que tange a dificuldade dos divergentes de pertencimento as facções, como aos ex-membros que não se encaixam na sociedade após a destruição das mesmas. A ênfase neste temor se dá pela diferença de pertencimento e ou exclusão de sistemas sociais que se perpassam pela necessidade de pertencimento. A eminencia da exclusão nas obras traz para análise subterfúgios

e dificuldades pós-modernas que se refletem no romance. Buscar-se-á, desta forma, refletir sobre o gênero distópico e fomentar a discussão acerca das obras como representantes contemporâneas do gênero, discutindo como elas se apropriam dos temores sociais correntes em suas narrativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que esta pesquisa se encontra em momento inicial, as reflexões aqui apresentadas serão preliminares. Pretende-se aqui estabelecer alguns paralelos entre o medo pós-moderno e os reflexos na trilogia *Divergente*. Dessa forma, serão constituídas conexões entre a obra e o medo da exclusão, o medo do futuro e o medo da morte.

Bauman (2006, p.27), no livro *Medo Líquido*, utiliza-se de uma metáfora, na qual, a pós-modernidade exige que corramos em uma camada fina de gelo, aqueles que vacilam por um momento não ficam para traz, mas caem com o gelo fino sob seus pés. O autor deixa claro que nossa sociedade precisa que nos adaptemos para continuarmos em frente, para que não sejamos tragados pelo gelo. O sujeito contemporâneo vive sob a tensão destas mudanças. Para dissipar o medo pode se utilizar de uma concepção subjetiva de futuro ou aceitar o regime de liquidez.

_Você é mais do que Audácia(...)mas se quiser simplesmente ser como eles, se colocando em situações ridículas sem razão e se vingando de seus inimigos sem se preocupar com a ética, fique à vontade. Pensei que você fosse mais do que isso, mas talvez estivesse errado. (ROTH, 2013, p.211-212)

Na passagem acima, Tobias, namorado da protagonista, a cobra por tentar pertencer a facção Audácia. Beatrice, a personagem principal do romance, vive em uma sociedade com valores fixos, mas que começa a passar por um momento de mudança e esvanecimento de fronteiras contextuais. Ser divergente é um status que muda em decorrência do conhecimento e da desmitificação social, contudo a divergência da personagem sinaliza uma incapacidade de pertencimento e também sua busca por autoconhecimento para voltar a pertencer. Bauman pontua a exclusão e, por conseguinte, a necessidade de pertencimento como um dos principais medos contemporâneos. A exclusão institucionalizada exige papéis, e o sujeito deve escolher um deles, ou o indivíduo pertence e maneja um papel de excluidor ativo empoderado por seu pertencimento ou é excluído.

O medo da morte é também uma forma de exclusão e assola a humanidade desde os tempos das cavernas. O ser humano teve de criar mitos para tentar sobrepujá-lo (CAMPBELL, 1991, p.56). Bauman aponta o medo da morte na pós-modernidade, não como efêmero, mas como regra, presente pelas mudanças e pela fragilidade das relações e que esta morte nos é relembrada a todo momento, por notícias e reality shows que nos recordam desta regra.

Cada evento que conhecemos ou de que ficamos sabendo –exceto a morte –tem um passado assim como um futuro. Cada um deles –exceto a morte – traz a promessa escrita em tinta indelével, ainda que em letras mínimas, de que a trama “continua no próximo capítulo” (BAUMAN, 2008, p.44)

O medo cega e paralisa, e na sociedade pós-moderna não há tempo para parar, não há como amargar as ânsias, se é perpassado por uma alta gama de incertezas e se tem como exceção a noção de que no final estamos fadados a morte. Essa alta gama de receios exige da sociedade pós-moderna ferramentas para lidar com o medo, subterfúgios para afastá-lo, ao menos temporariamente. *Divergente* destaca o temor da morte, banalizando a figura da extinção em uma sociedade onde os seres humanos são apenas peças que podem ser controladas e descartadas quando necessário.

Nos romances, Beatrice luta pela vivência da liberdade, neste quesito não há uma preocupação forte com o futuro, mas a necessidade de trazê-lo para o presente e vivenciá-lo agora. Esta forma de viver o presente, já que o que está por vir poderá ser uma realidade atroz, é arraigado também à nossa sociedade. Bauman aponta meios de empréstimo, como cartão de crédito, como prova de que o indivíduo prefere ter os prazeres do futuro no presente, já que o amanhã é incerto e poderá ser um problema. Ainda assim, os indivíduos da obra trazem nas revoluções as ferramentas para melhor lidar com o futuro que está por vir e também o alteram. Estes, neste movimento, lutam contra a raiz do seu medo, visto que Bauman coloca o medo pós-moderno como a incerteza. O sociólogo diz que não temos medo do escuro, mas a partir da incapacidade de ver as coisas claramente, ele aparece. Neste sentido, os sujeitos de *Divergente* refletem a necessidade de criar instrumentos para uma possibilidade de futuro, e mais agarram-se a essa possibilidade de futuro, ao invés de aceitar a incerteza da sociedade.

Podemos dizer que, fiel a esse “viver na neblina”, nossa “certeza” direciona e focaliza nossos esforços de preocupação sobre os perigos visíveis, conhecidos e próximos, perigos que podem ser previstos e cuja probabilidade pode ser calculada(...) (BAUMAN, 2008, p.19) (aspas do autor)

Ainda que o futuro seja incerto, temos a necessidade de solidez, de algo para agarrar-nos e alguns indivíduos pós-modernos encontram no sonho de uma possibilidade de futuro uma forma de assegurar sua segurança mental. Cria-se então uma dicotomia de relações com o futuro. De um lado, indivíduos que vivem o presente e negam a existência de futuro, e de outro, indivíduos que perseguem e lutam pela solidez de um norte. Essa luta é matizada na obra principalmente pela facção Franqueza a qual busca manter o padrão de vida no presente não se entregando a um futuro incerto.

Bauman, no livro *Medo líquido*, traz a metáfora do Titanic, na qual um iceberg está sempre à espreita. O sociólogo diz que nos dias de hoje não lutamos contra a existência de um iceberg, mas de vários obstáculos desconhecidos e não mapeados que podem acabar com a nossa existência ou, pelo menos, com a forma como a conhecemos. Essa visão, que pode parecer pessimista, assola o sujeito contemporâneo permanentemente. Na trilogia, os personagens demonstram esse temor na forma como enfrentam a realidade atroz ou a troca rápida de planos quando estes fracassam. Estes não apenas seguem cegamente sua ideia de futuro como também estão acostumados com a ideia de que o futuro é o caos. Os indivíduos de *Divergente* têm noção da fragilidade dos valores que a sociedade é construída e a busca desenfreada por divergentes e por controle mostra a eles o quão frágil é esse poder. No romance, Beatrice se prepara para este iceberg catastrófico e faz inúmeras tentativas para refreá-lo.

4. CONCLUSÕES

Acredita-se, neste momento da pesquisa, que todos os personagens da obra são perpassados pelo medo. Posto que, as promessas da modernidade, que acreditava ser no aclaramento da ciência e na falta de superstições e incertezas que o indivíduo encontrar-se-ia livre de seus temores e, portanto, feliz, não aconteceram. Os herdeiros da modernidade encontram-se sobre a sombra de várias incertezas e é esta predisposição e ligação da obra pós-moderna *Divergente* com o medo que será vista.

(...) many dystopian works read as morality tales, aimed at pointing out flaws of the present and extrapolating them into the future. There is little left for readers to sort out; they know which side is right and which side is wrong. What is left to interpret is where to align the stereotypes in the contemporary societies and systems (Ferris, 2012, p.3)

Na citação acima pode-se depreender que as distopias carregam intrínseca a si a necessidade de problematizar a sociedade. Isto se dá por meio da exaltação de características do meio que a concebe e faz com que estas sejam vistas de maneira maniqueísta. Neste sentido, *Divergente* exacerba situações que levam o indivíduo ao medo. A sociedade muda, deixando seus cidadãos sem perspectiva, enfrentando o desconhecido, a crítica ao passado e releitura deste é uma forma de tentar prever o futuro incerto, mas o presente é incerto e as regras mudaram.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**/ Zygmunt Bauman; tradução, Plínio Dentzien. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Medo Líquido**/ Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **The power of the myth**. - Nova York: Anchor Books, 1991.
- FERNS, Chris. **Narrating Utopia -Ideology, Gender, Form in Utopian Literature**. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.
- FERRIS, Harley. **A Study in Dystopian Fiction**. Díspõivel em: <http://www.ju.edu/jrad/documents/ferris-dystopian_fiction_final.pdf> Jacksonville University. n.p. Acesso em: 15 Feb.2012.